

CEM ANOS DE RÁDIO NO BRASIL (1922-2022)

Marcos Antônio da Silva ¹

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar o início da radiodifusão no Brasil em comemoração aos cem anos da independência brasileira. O começo foi tumultuado, sem uma legislação específica de atuação do novo meio de comunicação, sem profissionais habilitados, sem uma programação definida e sem uma linguagem apropriada para o público ouvinte. O rádio nasceu no Brasil para permitir uma maior interação entre as pessoas, porém depois vem a se transformar em um serviço controlado pelos monopólios econômicos e estatais seguindo uma lógica mercantil.

Palavras-chave: radiodifusão, meio de comunicação, legislação pública

Introdução

No filme *A hora da estrela*, de 1985, baseado no romance de Clarice Lispector, a personagem central da trama, Macabéa – nordestina, órfã, semianalfabeta – se informava ouvindo a Rádio Relógio, que além de informar a hora, também levava aos ouvintes notícias como essa: “você sabia que a mosca é um dos insetos mais ligeiros e que, se pudesse voar em linha reta, levaria 28 dias para atravessar o mundo todo? Você sabia?” Além de curiosidades como essa, as emissoras de rádio levavam músicas, radionovelas, jornalismo, cultura e educação para o povo brasileiro. Essa relação íntima do ouvinte com o rádio começou há um século, precisamente nas comemorações do centenário da independência do Brasil em 1922.

O rádio foi inventado oficialmente no final do século XIX, em Londres, pelo cientista italiano Guglielmo Marconi como um substituto do telégrafo. Era conhecido

¹ Radialista aposentado; atualmente técnico de laboratório do Curso de Cinema da UFC; graduado em Letras-Português; especialista em Artes Visuais, Criação e Cultura. markosilva2000@gmail.com

inicialmente como o “sem fio”. Marconi fez a primeira transmissão radiofônica nas margens do Canal da Mancha. Na mesma época, o sérvio-austriaco Nikola Tesla também usava o conhecimento de Hertz para fazer as mesmas experiências. Inclusive, em 1943, a Suprema Corte dos EUA reconheceu Tesla como o inventor do rádio. Disputas à parte, o novo meio de comunicação, usando a propagação do som por ondas eletromagnéticas, conseguia transmitir voz, músicas e até mesmo fotos sem precisar de fios.

A primeira companhia de rádio começou em Londres, em 1896, com emissão e recepção de sinais sem fio. No ano seguinte, Oliver Lodge inventou o circuito elétrico sintonizado, que permitiu a mudança de sintonia selecionando a frequência que se desejava. O receptor de rádio era um aparelho rudimentar, sendo sua principal utilidade fazer transmissões telegráficas em códigos Morse para navios militares ingleses.

Em 1916, a Irlanda lutava pela independência, e os revoltosos irlandeses utilizaram de forma pioneira o novo meio de comunicação para transmitir mensagens radiofônicas de voz, de dentro de um barco, na esperança de que outros barcos captassem e retransmitissem essas mensagens à imprensa americana. Os irlandeses conseguiram êxito. Foi a primeira utilização do “sem fio” com o recurso de voz.

O rádio nasceu para permitir a interação entre os homens e depois se tornou um serviço para atender a lógica mercantilista e um canal para divulgação da ideologia política. Com o desenvolvimento da radiodifusão e o alcance tanto comercial quanto como elemento de manipulação política, os monopólios econômicos e de poder rapidamente se engajaram no controle desse meio de comunicação.

Na Europa, deu sustentação à revolução Russa de 1917. Na Alemanha, foi um canal de divulgação da revolução operária de 1917-1918. Só após a derrota da revolução é que se estabeleceu – segundo Bertolt Brecht – uma “radiodifusão pública de diversão”, ou seja, passou a ter uma função comercial e a monopolizar o “comércio acústico”.

Faltava ao rádio uma linguagem própria para atrair ouvintes. O público estava

nos jornais impressos, nos esportes, no teatro, nas salas de concerto. Então, o novo veículo de comunicação se apropriou dessas áreas e passou a reproduzir procedimentos que já existiam para criar uma audiência própria utilizando-se de processos anteriores de uma elite mercantilista e política que se apropriaram do rádio para fazer chegar mais longe o discurso da classe dominante.

A radiodifusão no Brasil

Oficialmente a primeira transmissão de rádio no Brasil ocorreu no Rio de Janeiro, então capital do país, em comemoração ao centenário de independência em 1922. Foi uma iniciativa do presidente Epitácio Pessoa. Um pequeno transmissor colocado no morro do Corcovado transmitiu o discurso do presidente. Foi a primeira vez em que o presidente fez um discurso que podia ser ouvido a quilômetros do Rio de Janeiro. A qualidade de som não era das melhores, mas foi ouvido em Niterói, Petrópolis e São Paulo. Em seguida foi exibida a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes, encenada no Theatro Municipal. Extraoficialmente, um grupo de estudantes pernambucanos em 1919 já faziam transmissões de rádio no Recife de maneira experimental. O padre gaúcho Roberto Landell de Moura também fazia experiências com a radiodifusão na última década do século XIX. Com poucos recursos financeiros e sem apoio das autoridades para suas pesquisas, não conseguiu patentear seus experimentos. Hoje, no entanto, é nacionalmente reconhecido como um dos precursores da radiodifusão mundial.

Após a inauguração oficial do rádio no Brasil nos meses seguintes, não houve uma sequência das transmissões, devido a dificuldades técnicas e financeiras. Faltavam profissionais habilitados que comandassem esse novo veículo de comunicação. O médico e antropólogo Edgar Roquette Pinto, que estava presente na primeira transmissão radiofônica no Brasil, era um entusiasta da radiodifusão e, junto com a Academia

Brasileira de Ciências, fundou a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro.

Esta, com um transmissor doado pela Casa Pekan, de Buenos Aires, foi instalada na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 30 de abril de 1923. A programação era direcionada à formação de ouvintes: oferecia aulas de português, história e geografia, bem como palestras e conferências. Muitos intelectuais da época eram convidados a participar da programação. Era evidente a vocação educativa da rádio.

A exemplo da capital federal, as primeiras emissoras eram clubes ou sociedades de amigos unidos pela curiosidade ou encantados com a novidade, que mantinham precariamente as emissoras no ar. Não existia uma programação diária: em alguns dias a emissora ia ao ar, em outros não, às vezes só funcionavam pela manhã ou à noite. Não existia uma legislação oficial que normatizasse a atuação das emissoras, havendo apenas um regulamento que autorizava o funcionamento ligado ao serviço dos correios e telégrafos.

Apesar do precário funcionamento das rádios no Brasil, comandadas por clubes e sociedades, houve uma proliferação de emissoras no país de Norte a Sul. Em 1931, saiu o primeiro decreto governamental regulamentando o serviço, em uma clara manifestação do monopólio do Governo Federal estabelecendo concessões para explorar a radiocomunicação. O modelo adotado foi o norte-americano.

Pontos principais eram a concessão de canais a particulares e a legalização da propaganda comercial. O decreto saiu no “Diário Oficial”, onde também, em outra data próxima, o Departamento de Correios e Telégrafos foi autorizado a cobrar uma taxa a todo possuidor de um receptor. Entretanto, o órgão jamais conseguiu aplicar a autorização. O Regulamento de maio de 1931 – que se diga era detalhado – andou de gavetas em gavetas ministeriais e somente em 1º março de 1932 foi finalmente aprovado, pelo decreto 21.111, o primeiro diploma legal que definiu importante alteração.

Dizia textualmente: “O governo da União promoverá a unificação de serviços de radiodifusão no sentido de construir uma rede nacional que atenda aos objetivos de tais serviços e que a orientação educacional das estações da rede nacional de radiodifusão caberá ao Ministério da Educação e Saúde Pública e sua fiscalização técnica competirá ao Ministério da Viação e Obras Públicas”. O

decreto declara expressamente que o Governo Federal concederia frequências de rádio a sociedades civis nacionais (CASTRO, s/d).

A população do Brasil em 1921 era de 30.635.605 de habitantes, de cujo total o índice de analfabetismo chegava a 71,2%, ou seja, 21.812.550 brasileiros não sabiam ler nem escrever. O rádio chegou para levar a esse público carente o entretenimento, a educação e a informação, que mesmo manipulada, chegava de graça aos lares. Com o barateamento dos receptores, houve em pouco tempo uma explosão de audiência. O rádio passou a ser o veículo de comunicação mais popular do país. Nele, o entretenimento e as informações eram difundidos alcançando todas as classes sociais. A ideia inicial da atuação da radiodifusão era levar cultura, conhecimento e educação para o povo brasileiro.

Quadro 1 – Principais rádios instaladas a partir de 1923

Primeiras estações	Localidade	Instalação	Denominação
PRA-2 (SPE, SQAA, SQ1A, PRAA)	Rio de Janeiro	1923	Rádio Sociedade do Rio de Janeiro
PRA-6 (SQAG, PRAE)	São Paulo	1923	Sociedade Rádio Educadora Paulista
PRB-2 (SQAF, PRAN)	Curitiba	1923	Rádio Clube Paranaense
PRB-2 (SQAF, PRAN)	Recife	1923	Rádio Clube de Pernambuco
PRA-3 (SQAB, PRAB)	Rio de Janeiro	1924	Rádio Clube do Brasil
PRA-7 (SQAK, PRAI)	Ribeirão Preto	1924	Rádio Clube de Ribeirão Preto
RSR	Porto Alegre	1924	Rádio Sociedade Rio-Grandense
PRA-4 (SQAD, PRAH)	Salvador	1924	Rádio Sociedade da Bahia
PRE-9	Fortaleza	1924	Ceará Rádio Clube
?	São Luís	1924	Rádio Sociedade Maranhense
PRA-5	São Paulo	1925	Rádio Clube de São Paulo
PRB-3	São Paulo	1925	Sociedade Rádio Record
PRB-5 (BRAZ)	Franca	1925	Rádio Club Hertz
PRC-2	Porto Alegre	1925	Rádio Sociedade Gaúcha
PRC-3 (PRAD)	Pelotas	1925	Sociedade Rádio Pelotense
PRA-7 (PRAC)	Rio de Janeiro	1926	Sociedade Rádio Educadora do Brasil
PRB-3 (SQAY, PRAJ)	Juiz de Fora	1926	Rádio Sociedade Juiz de Fora
PRB-4 (SQAI, PRAS)	Santos	1926	Rádio Clube de Santos
PRA-9 (PRAK)	Rio de Janeiro	1927	Rádio Sociedade “Mayrink Veiga”
PRC-7 (PRAQ)	Belo Horizonte	1927	Rádio Sociedade Mineira
PRB-6 (SQBO)	São Paulo	1927	Sociedade Rádio Cruzeiro do Sul
PRC-5 (PRAF)	Belém	1928	Rádio Sociedade do Pará
PRC-6 (PRAX)	Rio de Janeiro	1930	Sociedade Rádio Philips do Brasil

Fonte: Wikipédia

O estado nacional percebeu a importância do rádio como meio difusor de informações e passou a exercer controle. Devido à pressão das elites econômicas, chegou-se a um acordo: o controle é do Estado, mas oferece concessões para pessoas ou grupos interessados em explorar o serviço.

A classe dominante entendeu que não bastava exercer o poder distanciado da população, mas era necessário “entrar na casa do povo” e mostrar as ações do governo, sendo o meio mais eficiente o rádio, porque a mensagem chegava a todas as classes sociais. O rádio se tornou o veículo mais importante de comunicação de massa na primeira metade do século XX.

O apogeu do rádio no Brasil

No início da década de 1930, começaram a chegar ao Brasil agências de publicidade norte-americanas, como Thompson e McCann-Erickson. Elas traziam uma experiência de como tornar o rádio um meio responsável de vendas de produtos. O rádio passou a associar marcas publicitárias à programação diária com *jingles* ligados diretamente a produtos. O rádio começou também a vender estilos de vida ligados a produtos norte-americanos como: Coca Cola, a pasta de dentes Kolynos ou o sabonete Gessy (OLIVEIRA, 2003, p. 340).

Aos poucos os *jingles* foram se abasileirando. Ainda na década de 1930, a programação que se concentrava em musicais e informativos passou a ter “reclames”² locais como o da Padaria Bragança. Sobre ela, Antônio Nássara, compositor e cartunista, compôs um fado publicitário: “seu padeiro não esqueça, tenha sempre na lembrança: o melhor pão é o da Padaria Bragança” (MOREIRA, 1991).

Com o decreto de 1931 e com o aporte da publicidade, deu-se a profissionalização do rádio brasileiro. Num período de sete anos entre 1930 e 1937, foram fundadas 43 rádios. A programação era obrigada a ter como finalidade a educação científica e artística que beneficiasse o povo. Eram proibidas notícias políticas sem autorização expressa do governo, feita com antecedência. O Ministério da Educação e Saúde (MES) premiava as

² Reclames eram as publicidades na primeira metade do século XX.

emissoras que desenvolvessem conteúdo ligado diretamente à educação do povo.

Com o dinheiro da publicidade, as emissoras melhoraram as transmissões, aumentaram a audiência e investiram na programação. Visando atrair cada vez mais ouvintes, programas populares foram criados, brindes distribuídos, e auditórios construídos para atender as pessoas que quisessem acompanhar ao vivo a programação e ver de perto seu artista preferido. Outro meio bastante usado pelas rádios eram as cartas dos ouvintes, com pedidos para mudar um programa ou criar outros. As numerosas emissoras levavam muito a sério essas cartas porque a audiência era disputadíssima, e o ouvinte era muito exigente. Em pouco tempo, para entrar no auditório de uma rádio, era necessário pagar um ingresso. O dinheiro ajudava nas despesas dos cachês dos artistas e na própria manutenção da emissora.

Da Era Vargas à atualidade

É inegável a consolidação da radiodifusão durante a era Vargas (1930-1945). Entre eleições diretas e a ditadura, o governo criou mecanismos para a exploração profissional das estações de rádio em todo o território nacional. Um dos mecanismos, já mencionado, foi o decreto de 1931 regulamentando o funcionamento das emissoras.

Em 1937, já na ditadura, a Lei 385 obrigava a inclusão, em toda programação, de peças musicais de compositores brasileiros natos. O rádio incorporou a linguagem dos jornais impressos, dos esportes, das salas de concertos e do teatro. Além de levar a alegria e o bem-estar às residências, também era considerado um divulgador da marginalidade, principalmente da linguagem teatral. Alguns achavam a programação inadequada para as “famílias tradicionais”.

O rádio acompanhava os movimentos sociais e ia lançando novos produtos para atrair mais audiência e publicidade. As pessoas se reuniam em casa em torno do aparelho

para ouvir os programas, e alguns comércios deixavam os aparelhos de rádio ligados para conquistar mais compradores. Com a expansão da rede elétrica e o barateamento dos receptores de rádio, ele se tornou em pouco tempo o meio de comunicação popular, lazer e diversão, indispensável na vida do brasileiro da década de 1940. Portanto, passou a influenciar a vida das pessoas, despertando nelas hábitos de consumo e comportamento, usando uma linguagem coloquial e valendo-se do analfabetismo grande no país.

Porém, tal popularização facilitou a divulgação das mensagens governamentais de maneira estratégica para o exercício do poder. O Estado Novo fez uso do rádio a seu favor, na propaganda oficial. O país era apresentado como uma sociedade progressista, moderna, livre de conflitos e unida em torno do grande líder Getúlio Vargas. A divulgação dessas mensagens era feita pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado em 1935, o DIP era ligado diretamente ao gabinete do presidente da República e exercia o controle total dos meios de comunicação. Fiscalizava o cinema, o teatro, o esporte, a literatura, o samba-enredo das escolas de samba e, principalmente, a radiodifusão e a imprensa.

Por consequência, para fortalecer ainda mais a influência do governo na radiodifusão, foi criada em 1935 a Hora Nacional, um programa com duração de 60 minutos exibido às 19h, em caráter obrigatório e em rede nacional, para informar as ações do governo Getúlio Vargas. Em 1939, passou a ser chamado Hora do Brasil e, em 1962, mudou para A Voz do Brasil. Hoje, passados 87 anos, o programa ainda está no ar em caráter obrigatório, mas com um horário flexível entre 19h e 22h, com notícias do poder Executivo, Judiciário e Legislativo (Câmara e Senado).

Em 1940, o governo Getúlio Vargas passou a controlar os jornais A Manhã e A Noite, bem como a Revista Carioca. Estatizou a Rádio Nacional do Rio de Janeiro, adaptando a programação para atender os interesses do Estado. As radionovelas e o Repórter Esso foram os principais programas da Rádio Nacional. O Repórter Esso foi a

primeira síntese noticiosa com o padrão americano que levava ao ouvinte as principais notícias do Brasil e do mundo em 3 edições: às 6h, às 12h e às 18h. O sucesso da Rádio Nacional foi tão grande que serviu de modelo para outras emissoras do país.

A atividade de radiodifusão enfrentou dificuldades no início da sua implantação no Brasil, tendo sua época de ouro nos anos 1930 e 1940, sobrevivendo com a chegada da televisão nos anos 1950 e recentemente se adaptando ao aparecimento da Internet. O ano de 2018 foi fundamental para a radiodifusão. O Decreto 9.328 atualizou a Lei 13.424/2017, reduzindo o número de funções dos radialistas de 94 para 25. Com o avanço tecnológico, muitas funções exclusivas da profissão de radialista ficaram obsoletas, tornando-se necessário atualizar a profissão para tornar o rádio mais ágil e mais atual para o século XXI. “Além de corrigir distorções, a atualização das funções traz mais segurança jurídica aos contratos de trabalho entre empresas de radiodifusão e os profissionais radialistas”, afirma o diretor geral da ABERT (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão), Cristiano Lobato Flores. De acordo com o decreto de 2018, fica autorizada a migração das antigas rádios AM para a faixa de FM, sendo vantagens para o ouvinte a qualidade do sinal e a facilidade de captação com equipamentos mais modernos como os *smartphones* e *tablets*.

O rádio se renovou e teve um aumento de 186% de audiência nos serviços de *streaming*³ em 2021 com relação a 2019, segundo a Kantar IBOPE Media. Principalmente no caso da população mais jovem, os *smartphones* e *tablets* são os preferidos para se conectar on-line com as emissoras brasileiras. Hoje, o rádio é consumido por 80% da população brasileira.

³ O streaming é uma transmissão contínua de arquivos em áudio ou vídeo de um servidor até o computador, TV, tablet ou celular do usuário.

Conclusão

A história do Brasil na primeira metade do século XX se confunde com a história da implantação da radiodifusão no país. As ondas do rádio sempre conseguiram atingir com suas mensagens um grande público nos lugares mais remotos do Brasil, sendo por isso muito utilizadas pelo poder político e pelo mercado publicitário. Era necessário encurtar distâncias, transmitir informações, levar a cultura e o entretenimento, bem como, principalmente, manter as pessoas a par dos acontecimentos e gerar hábitos de consumo de produtos e ideologias.

Grande parte da população brasileira tinha o rádio como um veículo de entretenimento. Nesse contexto, as radionovelas traziam para dentro das casas o real e o imaginário, incluindo a discussão de algumas questões morais da época. O rádio foi o grande elemento unificador da cidade com o campo.

Com sua linguagem direta, continua como um meio de comunicação essencial para a população se manter informada dos principais acontecimentos, além de obter entretenimento e lazer. Enquanto foram no começo da sua aplicação tecnológica muito utilizadas para levar mensagens de guerra, talvez seja pelas ondas radiofônicas que a população receba a notícia da paz mundial.

REFERÊNCIAS E RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

- CASTRO, José de Almeida. História do rádio no Brasil. **ABERT**. Disponível em: <<https://www.abert.org.br/web/index.php/notmenu/item/23526-historia-do-radio-no-brasil#:~:text=O%20paraibano%20Epit%C3%A1cio%20Pessoa%2C%20nos,presen%C3%A7a%20do%20Rei%20da%20B%C3%A9lgica>>. Acesso em: 16 ago. 2022
- EBC. **Você sabia? Curiosidades e áudios da Rádio Relógio**. Disponível em: <<https://radios.ebc.com.br/todas-vozes/edicao/2015-09/voce-sabia-curiosidades-e-audios-da-radio-relogio>>. Acesso em: 22 ago. 2022
- FREDERICO, Celso. Brecht e a “Teoria do Rádio”. **Estudos Avançados**, n. 60, v. 21, agosto 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-40142007000200017>>. Acesso em: 10 ago. 2022
- FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. História do Rádio no Brasil. **UOL**. 24 de abril de 2021. Disponível em: <https://cultura.uol.com.br/entretenimento/noticias/2021/04/27/881_historia-da-radio-no-brasil.html>. Acesso em: 14 ago. 2022
- GOGONI, Ronaldo. O que é streaming? **Tecnoblog**. 2019. Disponível em: <<https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-streaming/>>. Acesso em: 02 set. 2022
- OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **Sinais da modernidade na Era Vargas**: vida literária, cinema e rádio. In.: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). **O Brasil Republicano – O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. V. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- PERUCH, Thiago. História do rádio. **Espaço do Conhecimento UFMG**. 07 de dezembro de 2021. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/historia-do-radio/#:~:text=O%20r%C3%A1dio%20foi%20inventado%20em,do%20som%20por%20ondas%20radiof%C3%B4nicas>>. Acesso em: 12 ago. 2022
- SINDICATO das Empresas de Rádio e TV do RS. Consumo de rádio online no Brasil avança 186% em apenas dois anos. 20 de abril de 2022. Disponível em: <<https://www.sindiradio.org.br/noticias/item/consumo-de-radio-online-no-brasil-avanca-186-em-apenas-dois-anos.html>>. Acesso em: 01 set. 2022
- WIKIPÉDIA. A era do rádio. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Era_do_R%C3%A1dio>. Acesso em: 26 ago. 2022